

Estudo das avaliações e expectativas sobre as condições pessoais e de vida entre os pescadores do lago de Itaipu

Eduardo A. Tomanik
Lucy Mara Paiola
Luiz Carlos Tavares de Sá

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TOMANIK, EA., PAIOLA, LM., and SÁ, LCT. Estudo das avaliações e expectativas sobre as condições pessoais e de vida entre os pescadores do lago de Itaipu. SILVEIRA, AF., *et al.*, org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 44-59. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Identidade sexual e sexualidade: uma abordagem crítica

*Prof. Dr. Paulo Roberto de Carvalho*¹

A questão da identidade está em pauta, nos estudos de ciências humanas. A sociologia, a antropologia, a psicologia e, particularmente a Psicologia Social, entre outras disciplinas, cada vez mais voltam-se para esta categoria de análise buscando, através dela, uma compreensão aprofundada dos mais diferentes segmentos da sociedade, dos mais variados grupos sociais. Uma introdução a este campo de investigação interdisciplinar requer que se aborde especificamente o termo, a identidade, de modo a compreender como esta pode contribuir para a produção do conhecimento para o homem.

É possível considerar que, quando nos propomos a estudar a identidade social de um certo grupo, estamos voltados para o reconhecimento de todo um conjunto de características que são compartilhadas pelos seus membros, aproximando-os entre si naquilo que pode ser denominado processo de identificação. Ao mesmo tempo, estes traços identificatórios possibilitam, também, a demarcação das diferenças, que, neste caso, poderiam ser chamadas diferenças identitárias e que os separam de outros grupos sociais. Um primeiro questionamento se coloca: Que características são estas agrupadas pela identidade social e que fazem dela uma categoria de análise? Estes elementos, ou traços de identificação distribuem-se por diferentes aspectos da existência humana. Um estudo sobre identidade social comporta, primeiramente, os dados biográficos dos sujeitos de um grupo social, o local de nascimento e de permanência ou de moradia atual, a origem étnico-racial e eventuais miscigenações a que eles se submeteram. O estudo da identidade social comporta também uma análise de condições socioeconômicas de inserção daquele grupo, no contexto social em que está colocado, de modo que se possa dizer se o mesmo situa-se entre os segmentos privilegiados ou não, se tal grupo tende à marginalização ou não e de que forma isto acontece. Por fim, traços que remetem a uma biografia individual e constituição física, fazem-se presentes nos estudos sobre identidade e deste é possível destacar a faixa etária dos sujeitos e o seu sexo.

¹ Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Psicologia Social e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP.

Dada a amplitude e diversidade de questões que estão colocadas nos estudos da identidade social, estes passaram a se subdividir de acordo com o foco de análise que passa a se voltar para um ou para outro dos traços assinalados. Fala-se então, por exemplo, no estudo da identidade étnico-racial, ou ainda no estudo da identidade sexual quando o grupo abordado tem, na sua constituição, uma questão que remete à sexualidade. Os chamados estudos sobre a identidade sexual na contemporaneidade ganham cada vez mais importância. Neste contexto, avolumam-se os estudos sobre homens, mulheres, homossexuais ou ainda bissexuais. Pode-se ainda estudar os transexuais.

Michel Foucault, pensador contemporâneo francês, bastante envolvido nas reflexões sobre sexualidade, apresenta uma série de críticas sobre a ênfase cada vez maior que é dada às questões da identidade sexual nos dias de hoje. Foucault considera, primeiramente, que a identificação sistemática corrente nos dias de hoje se inscreve num movimento maior, da busca da verdade sobre os sujeitos através da sexualidade.

O problema é o seguinte: como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa 'verdade' profunda é lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer 'para saber quem és, conheças teu sexo'. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa 'verdade' de sujeito humano.²

Consideremos aqui que não é difícil correlacionar a busca da verdade, criticada por Foucault, com as pesquisas sobre identidade sexual, uma vez que esta, enquanto categoria científica de análise, é justamente um instrumento para produção da verdade sobre aquilo que analisa. Foucault considera ainda que a produção do conhecimento sobre um grupo ou segmento social não é necessariamente algo que contribui para sua afirmação e emancipação. Muitas vezes, ao contrário, a produção de um determinado saber configura-se como uma operação a serviço dos poderes

² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984, p.229.

vigentes, que tem interesses naquele segmento estudado. Para ele, a produção do conhecimento é inseparável dos poderes que a demandam e que se apropriam dos seus resultados. “O Poder, longe de impedir o saber, o produz”.³ Mas, com que objetivos os poderes na sociedade capitalista estimulariam os estudos sobre identidade sexual e sexualidade? De que modo a dominação poderia se fortalecer neste movimento?

Se nos orientarmos pela reflexão foucaultiana é possível considerar, primeiramente, que a sociedade capitalista aperfeiçoa constantemente os seus instrumentos de dominação e que estes, hoje, estão bastante presentes no plano da sexualidade. Vejamos como Foucault resgata historicamente o uso da sexualidade nos processos que resultam no exercício das novas formas de controle, que incidem sobre bilhões de pessoas em todo o mundo.

Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, metucioso. Daí estes terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas.⁴

Mas, que outras formas seriam estas? De que modo os poderes instituídos, ao transformarem a abordagem da sexualidade, poderiam extrair daí uma maior dominação? Foucault assinala que estes poderes, hoje, ao invés de investir na repressão da sexualidade, investem na estimulação do sexo, obtendo daí uma forma de controle. Nas suas palavras, o poder se manifesta, contemporaneamente através

... de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos (...) [Hoje] encontramos um novo investimento que não tem mais a forma do controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’⁵

³ Idem pp. 147-148.

⁴ Idem p. 148.

⁵ Idem p. 147.

É assim, em proveito da circulação das mercadorias que, nas sociedades contemporâneas enfatiza-se, cada vez mais, a sexualidade. Esta ênfase, no entanto, se dá exclusivamente sobre uma sexualidade socialmente reconhecida, codificada ou etiquetada. Uma sexualidade regularizada, enfim. Aos poderes constituídos interessa, antes de tudo, que cada um, inclusive no seu sexo, seja categoricamente definido e distinto dos demais. Uma vez que o sexo se presta a este movimento, estará sendo objeto da produção de uma verdade referida a este segmento e por aí o mesmo poderá ser melhor controlado.

É por esta via, crítica, que retomamos as questões referentes a identidade sexual. Não estariam os movimentos sociais, que se organizam pela identidade sexual, contribuindo, talvez de modo involuntário, para a codificação, a definição categórica que os poderes carecem, justamente para controlar as eventuais rupturas, neste plano estratégico da sexualidade?

Tomemos, a título de exemplo, os inúmeros estudos que, na contemporaneidade, focalizam a identidade sexual feminina, buscando desenhar um perfil da mulher contemporânea. Diversos destes estudos apresentam a mulher, nos dias de hoje, no exercício de uma série de funções, que até pouco tempo atrás eram exclusivamente masculinas, funções não subalternas, mas posicionadas no topo da hierarquia de diferentes instituições. As mulheres já ocupam cargos de gerência nas grandes empresas, bem como posições de destaque no serviço público, distanciando-se do perfil feminino vigente até algumas décadas. Alguns dos estudos sobre a identidade sexual feminina, ao analisarem estas transformações, concluem, de modo entusiasta, que a emancipação da mulher foi uma das grandes ocorrências da segunda metade do século XX.

Será mesmo apropriado falar em emancipação neste contexto? Será que a nova identidade feminina, que hoje se desenha, não responde também a um conjunto de necessidades da ordem social capitalista na sua configuração atual? O fato de um conjunto cada vez maior de mulheres trabalhar fora, por exemplo, responde a uma demanda social muito concreta, que é a de prover sustento naqueles núcleos familiares em que o homem se encontra ausente.

É possível considerar, por outro lado, que todo um modo de subjetivação, destinado ao feminino, através dos processos de socialização, que incorpora traços como, por exemplo, a sensibilidade, começa a ser

utilizado de modo intensivo no funcionamento do mercado. Não estaria o capitalismo contemporâneo requisitando estas potencialidades para, por exemplo, obter um melhor gerenciamento das relações de trabalho na empresa? Em quantas outras posições a subjetividade feminina estaria se destacando, justamente por conta de seu melhor aproveitamento no contexto do mercado? Ao invés de nos determos sobre estas incômodas questões, optamos pela produção de um tipo de saber que define categoricamente o feminino tal como ele hoje se apresenta. E a divulgação deste perfil acaba por contribuir que a coletividade o tome como sendo o próprio feminino, como uma verdade categórica referida ao mesmo, o que resulta na produção de uma norma, possibilitando inclusive a verificação dos eventuais desvios.

Mas, poderíamos continuar a nos questionar: de que forma a sexualidade se inscreve nesta complexa trama através da qual a ordem social anexa cada um de nós aos seus ditames?

Mantendo como referência o pensamento de Foucault, a resposta se repete: É pela distinção categórica e excludente que a previsão e o controle se dão, também no plano da sexualidade. Isto porque a sexualidade, antes de ser um campo propício às definições categóricas, excludentes, portanto, uma vez que orientadas pela questão do “ser” e do “não ser”, coloca-se como um conjunto de possibilidades em aberto, no qual só é possível mover-se através da experimentação das múltiplas e diferentes intensidades que nos atravessam a todos, quer sejamos homens, mulheres, homossexuais ou qualquer outra denominação referida ao sexo. A referência utilizada por Foucault para apresentar deste modo a sexualidade é a criança, tal como veremos no fragmento que se segue:

Diz-se: a vida das crianças é sua vida sexual. Da mamadeira à puberdade, só se trata disso. Atrás do desejo de aprender a ler ou do gosto pelas histórias em quadrinhos, existe ainda e sempre a sexualidade. Muito bem, você tem certeza de que este discurso é efetivamente liberador? Você tem certeza de que ele não aprisiona as crianças em um tipo de insalubridade sexual? E se eles, afinal de contas, pouco se importassem? Se a liberdade de não ser adulto consistisse justamente em não estar dependente da lei, do princípio, do lugar comum – afinal de contas tão entediante – da sexualidade? Se fosse possível estabelecer relações às coisas, às pessoas, aos corpos, relações polimorfos, não seria isto a infância? Este

polimorfismo é chamado pelos adultos, por questões de segurança, de perversidade; que assim o colorem com os tons monótonos de seu próprio sexo.⁶

A expressão aqui utilizada por Foucault, o polimorfismo da experimentação do desejo aponta-nos efetivamente para um campo de intensidades que, antes de ser definido, rotulado e identificado, ganhando dessa forma os contornos de uma sexualidade adulta, é um processo que comporta o múltiplo e dentro dele, o movimento. É como se Foucault nos dissesse que, antes de sermos homens, mulheres ou homossexuais, somos atravessados por todas estas possibilidades, por todas estas intensidades, num movimento que os poderes hegemônicos não podem tolerar, dado que isto comporta uma ambiguidade, que por sua vez impossibilita a previsão e o controle. É por isto que Foucault ressalta no final do fragmento citado que por questões de segurança, dos poderes e do mundo adulto, majoritariamente comprometido com estes poderes que o polimorfismo desejante infantil é rotulado como perversidade, categoria de controle que também se estende aos adultos que ousam romper com as normas dominantes, normas que cobram, de cada um de nós, rigidamente a sua identidade sexual.

A multiplicidade e heterogeneidade do desejo, contra a suposta unicidade da identidade sexual, este é o procedimento metodológico de Foucault, a genealogia, que aqui é de modo introdutório aplicada sobre as questões da sexualidade.

A genealogia, observa Foucault, tem como objetivo “clarificar os sistemas heterogêneos que, sob a máscara de nosso eu, nos proíbem toda identidade”.⁷ Pode se considerar então que o método foucaultiano volta-se deliberadamente coloca em questão qualquer produção teórica sobre a identidade sexual.

Finalizando, é de se considerar, com Foucault, que o sexo e a sexualidade, nas sociedades capitalistas, prestam-se ao enquadramento e ao controle, por ganharem os contornos da busca da verdade sobre o humano. De outra parte, no entanto, ensaia-se uma resistência, uma linha de fuga, não à experimentação desejante, mas ao sexo tornado instrumento de

⁶ Idem p. 235.

⁷ Idem p. 35.

regularização do poder. Isto é o que se pode entrever através da leitura de um polêmico capítulo do livro “Microfísica do Poder” cujo título é: “Não ao sexo Rei”. Assinala-se aí uma resistência crescente que as sociedades apresentam a um tal esquadrinhamento pelo sexo operado a partir de sua estimulação. Vejamos uma passagem onde tal movimento é apontado e caracterizado:

Está se esboçando atualmente um movimento que me parece estar indo contra a corrente do ‘sempre mais sexo’, do ‘sempre mais verdade no sexo’ que existe há séculos: trata-se, não digo de ‘redescobrir’, mas de fabricar outras formas de prazer, de relações, de coexistências, de laços, de amores, de intensidades. Tenho a impressão de escutar atualmente um sussurro ‘anti-sexo’ (não sou profeta, no máximo um diagnosticador), como se um esforço em profundidade estivesse sendo feito para sacudir esta grande ‘sexografia’ que faz com que decifremos o sexo como se fosse segredo universal.⁸

Não se trata, efetivamente, de um abandono da sexualidade, no seu sentido mais amplo, visto que, como foi dito, trata-se de inventar novas formas de prazer, de relação, novas e diferenciadas intensidades, o que pode ser traduzido como uma sexualidade polimórfica com relação aos seus objetos. Trata-se, isto sim, de um abandono por completo do sexo como objeto de identificação, ou seja, como instrumental apropriado para o exercício do poder pela via de normatização.

Vale recordar que, no mesmo capítulo, Foucault considera a contemporaneidade como um período marcado pela “miséria sexual”. A expressão é dele. Passados vários anos, desde que tal avaliação foi feita, ela se mantém bastante atual. Talvez fosse o caso de explorar alguns aspectos desta miséria, suas expressões mais visíveis, algumas delas gritantes.

Inicialmente, é possível considerar que a miséria sexual contemporânea tem uma distribuição complexa, tanto aqueles que efetivamente têm uma vida sexual, como aqueles que se encontram dela privados, podem ser considerados miseráveis. Começemos pelos inseridos na norma dominante de um exercício regular de uma sexualidade padrão: Como o sexo é vivido por aqueles que se subjetivam a partir do apelo permanente ao “mais sexo” que é veiculado na contemporaneidade capitalista?

⁸ Idem pp. 234-235.

Uma vez que o sexo tenha se tornado norma, e que a relação do mesmo com o prazer é imediata, a ideia de prazer vai também ser incorporada à normatização. Constitui-se assim o que poderia ser denominado um hedonismo, uma concepção simplificadora da existência, pautada, exclusivamente pela busca do prazer, como se a dor e o prazer não se apresentassem entremeados em nosso dia-a-dia, conjuntamente com uma série de outros estados psíquicos. Talvez seja possível caracterizar uma sexualidade vivida desta forma no hedonismo como sendo defensiva, efetivamente, a uma reação diante da complexidade da vida. A partir do hedonismo, enquanto um posicionamento simplificado diante da realidade, é possível compreender um outro traço presente no panorama da sexualidade contemporânea que é o exercício da sexualidade, como modo de inserção no mercado. Explico-me. A mídia, nos dias de hoje, particularmente através da publicidade apresenta-nos, cotidianamente, um conjunto enorme de imagens, impressas ou televisivas, que remetem ao sexo. Dentro desta veiculação sistemática, que opera, para ficarmos com a expressão de Foucault, uma estimulação ao sexo, há uma configuração que se repete, em quaisquer situações: trata-se de apresentar o sexo lado a lado com a mercadoria, como forma de promovê-la, de contaminá-la com a libido que estaria destinada ao objeto sexual, adjacente.

Como, no entanto, reagem a este quadro aqueles que, dadas as condições socioeconômicas estão privados do acesso às mercadorias? Eu suspeito que, nesta situação, o sexo, por estar sempre nas adjacências das mercadorias, seja tomado como um substituto do consumo mercadológico. É como se o sujeito neste caso dissesse: “Pelo menos eu tenho o sexo, pelo menos por aí eu ingresso, eu me introduzo na ordem social”. E falando deste modo, um tal sujeito estaria se consolando de sua exclusão, que se dá no plano do consumo material, bem como em outros planos da vida em sociedade.

Finalizando, cabe fazer uma referência àquele segmento que, dentro da ordem social (e sexual) contemporânea, encontra-se excluído, em diferentes níveis, do exercício da sexualidade. A exclusão sexual, a que uma parcela da população está submetida, compõe, conjuntamente, com o sexo normatizado, que já exploramos, o quadro da miséria sexual contemporânea.

Não se trata aqui de analisar extensivamente a exclusão sexual. É preferível encerrar esta exposição, descrevendo um conjunto de imagens que todos os anos as redes televisivas nos apresentam no mês de junho. Em 13 de junho, no Brasil, comemora-se o dia de Santo Antonio, um santo católico ao qual os devotos atribuem a capacidade de promover as uniões amorosas e os casamentos. Forma-se, neste dia, um enorme cortejo de mulheres que vão render as homenagens ao santo, ao mesmo tempo que reivindicam as suas graças. São mulheres de todas as idades, mas com predomínio da faixa etária que vai dos 35 aos 50 anos. Algumas não se contém, e, diante das câmeras de televisão, gritam angustiadas: “Eu quero um homem”.

De fato, Michel Foucault tinha razão. A miséria sexual é um traço presente. Ao quadro que descrevemos somariam-se muitos outros. Ao que parece é cada vez mais necessário acompanhar Foucault nas suas afirmações incisivas: “Não ao sexo rei!” Não às formas de controle do corpo e da existência pela identificação sistemática! Não a miséria sexual que se distribui na subjetividade contemporânea!

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984.